

*Review***MOURE, Teresa**Santiago de Compostela:
Através Editora. 322 pp.
ISBN 978-84-16545-67-4*Linguística escreve-se
com A: a perspetiva
de género nas ideias
sobre a linguagem.***Lucia Cernadas**

University of Oxford/

Grupo de Estudos Territoriais, Universidade da Coruña

¹

MOURE, Teresa, 24 Fevereiro 2021. *Facebook*. <https://www.facebook.com/teresa.mourepereiro/posts/pfbido229xCiHroJZ7S-MgMsMtVpEDktwDbX351R-JiUpPq7yKCP2isSfYaFvgE-1y3Mh7UA4El>

A publicação de *Linguística escreve-se com A: a perspetiva de género nas ideias sobre a linguagem*, o último ensaio de Teresa Moure (Monforte de Lemos, 1969), não foi isenta de alguma polémica. Em 2021, a professora titular de Linguística Geral na Universidade de Santiago de Compostela deu a lume esta obra numa auto-tradução ao castelhano na editora Libros de la Catarata, facto que provocou críticas de suposta deslealdade ao galego e ao movimento reintegracionista ao qual a autora aderiu em 2013. Mediante uma publicação em redes sociais,¹ Moure respondeu a estas críticas alegando principalmente dois argumentos: duma parte, denunciou o ritmo frenético e competitivo que requer a publicação de referências académicas; doutra parte, evidenciou a precariedade do tecido editorial galego, especialmente quanto às possibilidades de publicar um ensaio em reintegrado para um público alargado. Só por isso, o ensaio tem já um valioso potencial revulsivo.

Já em 2022, o ensaio foi publicado na Através. O volume é acompanhado dum lapela que apresenta a figura de Moure, combinando a sua posição na academia e a sua obra de criação. Muito eloquentemente, a lapela só inclui as obras publicadas a partir da sua tomada de posição em favor da ‘forma ortográfica internacional da sua língua’. Se bem que o objetivo desta recensão não seja o de rever a trajetória da autora, não podemos deixar de recomendar nesse sentido a leitura da tese de mestrado (2019) de Rosa Casais e o capítulo dedicado a Moure em *Ainda invisíveis?* (2022), de Lorena López López.

O corpo do ensaio é concebido para um público interessado nas ideias sobre a linguagem e sobre o género mas não necessariamente

MOURE, Teresa
*Linguística escreve-se com A:
a perspectiva de género nas
ideias sobre a linguagem.*
Lucia Cernadas

especializado; neste sentido, resulta significativa a escolha de dedicar uma alínea à bibliografia empregada em cada parte, e não no final, num claro convite a ampliar os conhecimentos do público sobre cada um dos assuntos em foco.

O volume, pois, é dividido em três partes e numerosas subseções. A primeira destas três partes é intitulada 'Uma hipótese construída sobre a suspeita' e apresenta o objetivo fundamental do livro: a defesa duma Linguística com perspectiva de género, incluindo nela as tradições e ofícios relacionados com a linguagem num sentido amplo, tradicionalmente colocados fora dos limites da disciplina. Uma das ideias fortes desenvolvidas aqui é a de a hipótese de não haver mulheres a participar na esfera pública pelas suas condições materiais ser simplista. Ante ela, Moure defende que a resposta dos estudos feministas a este fenómeno não deve ser apenas a reivindicação de nomes individuais (*herstory*), mas a de coletivos inteiros considerados insignificantes devido à focagem intelectual empregada. A crítica contida no livro, diz Moure, pretende ser exportável a outros saberes e tenciona rever o carácter eurocêntrico e masculino da linguística para desestabilizar o seu objeto de estudo, substituindo a focagem cronológica por uma de ideias, coral e de contrapoder.

No sentido mencionado acima, Moure coloca diferentes exemplos. No primeiro deles, o volume compilado por Keith Brown e Vivien Law para o cinquenta aniversário da Linguística britânica (2022), encontramos algumas das chaves que cumpre rever para um entendimento com perspectiva de género do trabalho académico: as narrativas de vida das poucas autoras mencionadas no livro mostram uma clara consciência da sua subalteridade, a incidência em aspetos da vida privada daquelas autoras que sim são reconhecidas e a acumulação de tarefas administrativas nas mulheres pesquisadoras, numa tentativa por sua parte de rebater a desigualdade tradicional. Mais um exemplo apontado para ilustrar as falhas da atual focagem académica é a observação das listagens de referências bibliográficas a mostrarem a falta de atenção masculina aos contributos femininos —e até o apagamento do seu protagonismo de não se incluírem nomes próprios. Encerrando a primeira parte, como porta de entrada à linguística feminista mas não estritamente dentro dela, Moure apresenta o exemplo das criptógrafas: um ofício considerado tedioso e repetitivo, mas que requer altas doses de pensamento lateral e abala as ideias de genialidade e individualidade metódica e racional. Estes valores alternativos levar-nos-ão da mão pelos exemplos de linguística feminista colocados na segunda parte; ante eles, resulta inevitável pensarmos na contraposição das personagens de Descartes e Hélène Jans em *Herba moura*, o romance mais sucedido de Moure.

A segunda parte do ensaio, a mais extensa, disserta sobre cinco campos de atuação das linguistas sob o título 'Tradições de género nas margens: a linguística feminista'. O primeiro caso citado é o das tradutoras. A tradução, lembra Moure, foi sempre considerada uma prática, mais do que uma área de estudo legítima; porém, existem numerosos exemplos de mulheres tradutoras —os quais Moure lista por extenso— e de propostas teóricas feministas neste campo, que porém têm ficado fora dos manuais de Linguística. São duas as principais escolas citadas neste sentido: a tradição reformista e a radical; esta última é exemplificada na escola quebequense de tradução feminista, que dota a profissional da tradução de agência sobre as expectativas da receção e para a qual Maria Reimóndez é citada como exemplo no caso galego, a raiz de ter aplicado estas práticas no seu trabalho.

MOURE, Teresa
*Linguística escreve-se com A:
a perspectiva de género nas
ideias sobre a linguagem.*
Lucia Cernadas

O segundo caso de praxe linguística feminista é o das primatologistas. Predispostas pela sua socialização a focar na empatia e nos cuidados, as mulheres primatologistas enfrentaram trabalhos de campo que desafiaram ideias centrais para o saber académico ocidental em geral —de base cartesiana— e, de jeito particularmente relevante para a linguística, o inatismo da linguagem. O foco na capacidade comunicativa —empática— em lugar de na capacidade produtiva obrigou a redefinir conceitos tão basilares como o de ser humano. Trabalhos como os de Sue Savage-Rumbaugh, argui Moure, passaram a fazer parte duma genealogia feminista que propugna um novo jeito de se relacionar com os animais, que defende ‘vir a menos’ como espécie e ‘andar mais suavemente sobre o planeta’ (129). Num contexto de crise climática como o atual, estes contributos não são apenas relevantes pelo seu impacto na linguística; ainda assim, são colocados nas margens da disciplina.

O terceiro exemplo de linguística feminista discutido é o das antropólogas. Moure reivindica a genealogia feminina da antropologia norte-americana, uma série de mulheres alcumadas de ‘filhas de papá Franz’ [Uri Boas] que levaram a cabo valiosos trabalhos de campo, sendo por vezes as únicas expertas em línguas consideradas exóticas, e realizaram importantes achegas teórico-metodológicas à disciplina. Nomes como os de Margaret Mead ou Gladys Reichard são convocados por porem de relevo a importância dos dados, por terem contribuído a destruir preconceitos biologicistas e, em consequência, terem antecipado a noção de género com as suas pesquisas. Contudo, o seu labor foi apagado pela centralidade do debate generativista, mas também por acusações diretamente misóginas proferidas por autores como Edward Sapir. Moure chega a afirmar que ‘parte dos méritos de Sapir também se devam a saber negar às suas companheiras o posto que lhes correspondia’ (165) e, como parte do exercício de memória histórica que representa o livro, propõe evitar citar o seu nome como único líder da sua escola e mudar a denominação ‘hipótese Sapir-Whorf’ pela de ‘hipótese do relativismo linguístico’.

A quarta seção da parte central do ensaio trata com a sociolinguística feminista, especialmente com o tema que mais tem penetrado no debate público ultimamente: a intervenção direta sobre a língua por motivos de género. Moure caracteriza a depuração da linguagem como ‘o capítulo das ideias linguísticas mais renegado por parte da linguística académica’ (183) no quadro duma tensão entre a gramática e a sociolinguística. Reconhecendo os profundos efeitos desta questão além da gramática, a qual considera indissociável da realidade social, a autora julga acientífico e prescritivo se aferrar às velhas distinções entre os dous campos. Neste sentido, Moure critica que as academias rejeitem tomar parte num conflito social —se calhar, devemos acrescentar que estas instituições estão efetivamente a tomar parte, como instituições sociais que são, porém torcendo por um ponto de vista considerado não marcado. A seguir, Moure revê os contributos virados para o efeito do género na linguagem por parte do feminismo da igualdade —como, por exemplo, os trabalhos de Robin Lakoff— e da diferença; também põe o foco sobre os achados sobre a interação entre género e conversa —remitindo para os seus próprios trabalhos sobre o assunto.

Já na atualidade, a autora trata as diferentes propostas de depuração como ‘um debate tão vigente quanto silenciado’ (206). Criticando que seja visto como apenas uma moda, Moure incide no facto de que este seja um campo liderado por um movimento social e não por uma escola académica, de modo que as propostas que dele surgem são apressadas ou pouco

MOURE, Teresa
*Linguística escreve-se com A:
a perspectiva de género nas
ideias sobre a linguagem.*
Lucia Cernadas

reflexivas. Neste sentido, resulta paradoxal que algumas páginas depois seja afirmado que ‘talvez não possamos continuar aguardando por instituições que caminham tão devagar’ (212), pois fica pendente, portanto, uma proposta que resolva o dilema. Por trás das diferentes estratégias de visualização de género comentadas encontramos umha tensão entre feministas clássicas e pós-feministas. Alineada com as segundas, Moure discute as diferentes alternativas e os seus problemas para, finalmente, defender —e utilizar— o ‘@’ como um modo de evidenciar o espetro que dista entre os polos da masculinidade e a feminidade, entendidos tradicionalmente como categorias discretas. Neste sentido, achamos que teria sido de interesse nesta epígrafe acrescentar uma reflexão sobre o sistema ‘elu’ que toma força no português europeu e, em menor medida, na Galiza.

Encerrando a segunda parte do livro, encontramos uma seção dedicada às filósofas da higiene. O campo da Filosofia da Linguagem é apresentado como um campo indefinido, que luta pela diferenciação a respeito da própria linguística. Dentro dele, Moure destaca a proposta da ‘higiene verbal’ de Deborah Cameron (1995), que viria a substituir a denominação ‘politicamente correto’, cuja premissa principal é que a língua é também ‘um mecanismo simbólico que gera e reproduz poder’ (228) e, portanto, revisar a sua utilização tem consequências sociais, políticas e éticas. Seguindo esta esteira, Judith Butler parte para a sua crítica do género da iterabilidade e performatividade da linguagem, abrindo a porta a afirmar que ‘a relação entre palavra e ferida pode ser alterada’ (236) e levando em conta que o sucesso das propostas ressignificadoras dependerá da autoridade de quem as pronunciar.

A intenção de Moure com o percurso mencionado acima é definir a Filosofia da Linguagem como o saber que se ocupa de ‘explorar o que significa falar’ (237). Com esta porta aberta, a autora afirma que nas últimas décadas tem sido praticada uma linguística intercultural, engajada com preocupações da Filosofia Política e da Ética tais como a tensão entre o um e o diverso e que, portanto, é possível falar numa Linguística Intercultural como Filosofia da Linguagem. Embora a relação entre os conteúdos desta seção possa parecer um bocado obscura, esta proposta resulta sugestiva: a interculturalidade —não multiculturalidade— viria fazer uma crítica da razão ocidental e ‘modificar os critérios do comum’. Para isto, resultariam vitais os contributos da ecolinguística e a planificação linguística aplicada presente em trabalhos como os de Tove Skutnabb-Kangas, conhecidos e divulgados na sociolinguística galega.

Finalmente, a terceira parte do ensaio é intitulada ‘Possibilidades de reescrever a história’. Nela fala-se, em primeiro lugar, da ‘vida íntima’ das linguistas e retomam-se casos como o já comentado sobre a escola da antropologia boasiana, os diferentes perfis de mulheres relacionadas com homens linguistas —rivais, colaboradoras e influências—, ou as relações entre mestres e discípulas, particularmente relevante na esteira do movimento Me Too. Encerrando a seção, encontramos uma síntese dos motivos do livro: um exercício de justiça restaurativa que reconsidera o produto do Outro e reivindica uma disciplina multicéfala e híbrida. Neste sentido, Moure termina por reconhecer uma das principais características do ensaio: a sua descontinuidade. Ao final do livro encontramos os agradecimentos —nos quais destaca o reconhecimento ao seu alunado, coerente com a sua reivindicação de um saber coletivo— e dois anexos: a lista de mulheres linguistas na Wikipédia e a lista de mulheres linguistas ou vinculadas a ofícios linguísticos mencionadas no volume.

MOURE, Teresa
*Linguística escreve-se com A:
a perspectiva de género nas
ideias sobre a linguagem.*
Lucia Cernadas

Em soma, *Linguística escreve-se com A* é um ensaio poliédrico, cheio de reflexões dos mais diversos pontos de vista —por vezes até o sobrees-tímulo— e atravessado pelo fio condutor do (pós-)feminismo e a reivindicação da coletividade. Trata-se dum exercício pertinente de memória histórica, único até onde chegam as nossas leituras, coerente com o projeto intelectual e criativo de Teresa Moure e que, de não se interporem certas condições que o próprio livro denuncia, deveria espertar um frutífero diálogo.

MOURE, Teresa
*Linguística escreve-se com A:
a perspetiva de género nas
ideias sobre a linguagem.*
Lucia Cernadas

Obras citadas

BROWN, Keith & Vivien LAW, eds., 2002. *Linguistics in Britain: Personal Histories* (Oxford: Philosophical Society-Blackwell).

CAMERON, Deborah, 1995. *Verbal Hygiene* (London: Routledge).

CASAIS, Rosa, 2019. 'Processos de canonização e margens sistémicas no sistema literário galego: estudo comparativo das trajetórias de Teresa Moure e Susana Sanches Arins' (Corunha: Facultade de Filoxía, Universidade da Coruña). https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/24724/Fernandez_Casais_Rosa_TFM_2019.pdf?sequence=2&isAllowed=y

LÓPEZ LÓPEZ, Lorena, 2022. *Ainda invisíveis? Narradoras e margens na literatura galega contemporânea* (Santiago de Compostela: Através Editora).